

## **Cavando a própria cova. Perspectivas**

Cesare Giuseppe Galvan<sup>1</sup>

*No mundo ocidental, o econômico predomina sobre o político. E isso equivale a dizer que o Ocidente está cavando a própria cova.*

(Karl Jaspers, 1965)

Escrita em 1965, essa epígrafe pretendia ser um alerta, mas pode valer ainda hoje. Merece, portanto, ser estudada em suas precondições e implicações. Naturalmente não se pretende aqui desenvolver um assunto tão trágico em toda sua extensão, e sim dar alguma explicitação a seu conteúdo, nem que seja afastando-nos do itinerário proposto por seu Autor. Cabe então prestar atenção a certos fenômenos que caracterizam nossa época e indagar sobre suas raízes históricas.

Para começar, ocorre hoje uma profunda transformação nos meios de comunicação. Frequentemente, na história eles foram revolucionados, a partir de quando o homem vivia em estado selvagem. Nossas últimas revoluções, porém, apresentam-se como mais radicais, mais profundas, mais compreensivas. Ou será que essa radicalidade é pouco mais que simples aparência? Afinal, o que “se aperfeiçoa” são sempre dois inventos iniciais e fundamentais: a fala, que vem desde o homem primitivo, e a escrita, que introduziu as civilizações.

A economia, porém, ensina que, desde tempos relativamente antigos, há um outro intermediário nas relações humanas, por sinal um que vem apresentando, nesta mesma nossa época moderna, modificações e aprofundamentos em seus usos, em sua presença: trata-se da moeda, ligação entre todas as mercadorias, dando acesso a sua posse. Tanto assim que pode surgir a suspeita ou a hipótese de que esses dois

---

<sup>1</sup>Doutor

Centro Josué de Castro, Recife.

Endereço: Av. Beira Rio, 1065, ap.401 – Ed. Concorde – Madalena

50610-100 Recife – PE – Tel.: 81 / 3227 1650

[dugalvan@elogica.com.br](mailto:dugalvan@elogica.com.br)

desenvolvimentos – moeda, e tecnologias da comunicação – possuam algum nexo entre si, nexo que pesaria na definição de suas conseqüências.

A seguir, propõe-se uma reflexão sobre a natureza e as implicações das revoluções no relacionamento humano implicadas na moeda e nos outros meios de comunicação. Para ilustrar esses assuntos, pinçaremos alguns traços da sua história a fim de caracterizar, nem que seja parcialmente, a natureza desses fenômenos e de suas articulações recíprocas.

Voltando à epígrafe, ela constitui um alerta sobre conseqüências das articulações sociais implicadas no processo que vamos examinar.

## I. Os Gregos

A civilização grega antiga foi o período histórico que mais profundamente modificou o conhecimento e a comunicação humana, pois na Grécia ocorreu a maior revolução no campo do conhecimento humano. Jaspers identificou seu período central (aproximadamente do século VIII ao II a.C.) como a “Idade Axial da História”<sup>2</sup>. Eis como ele descreve esse feito:

entre os anos 800 e 200 a.C. foi que se produziram, quase sem ligações entre si, na China, Irã, Índia, Palestina e Grécia (mas não na Mesopotâmia ou no Egito) os eventos de ordem espiritual responsáveis pela criação da atmosfera ainda por nós respirada. Foi então que se colocaram as grandes questões religiosas e filosóficas e foi então que se propuseram respostas que, ainda hoje, a nós se impõem. Há razão para dizer que essa época foi o fulcro da História do mundo. Dela partiram três ramificações que se desenvolveram, paralelas, na Índia, na China e no Ocidente.<sup>3</sup>

Pela importância de seu sentido, preferimos designar essa “Idade Axial” ou “Tempo Eixo” como “*idade axial da autoconsciência humana*”. Pois não foi só a comunicação que se revolucionou então: mudou e aprofundou-se o seu próprio conteúdo e pressuposto, o pensamento, a consciência que o homem tem de si mesmo. Esse é um aspecto importante para nossa análise.

Vários pensadores estudaram a “Idade Axial”. Aqui partimos da formulação de Jaspers nas duas obras citadas, tomando, contudo, bastante liberdade para

---

<sup>2</sup> Outros traduzem o original alemão “Achszeit” por “tempo-eixo”. É versão adotada, por exemplo, em Vaz (*Antropologia filosófica*, passim).

<sup>3</sup> JASPERS, 2003, p.25.

acrescentar às suas análises observações inspiradas em outros autores, dentre os quais merecem destaque particular Thomson e Sohn-Rethel. Na idade axial, ou tempo-eixo, na Grécia dois operadores importantes do relacionamento humano participaram simultaneamente dessa mencionada revolução na comunicação do pensamento por serem instrumentos de enlace entre os homens em suas atividades, a saber<sup>4</sup>:

1) a separação entre economia e política operada pela moeda, inventada na própria Grécia, revolucionou as trocas materiais, mas não somente as trocas, conforme já tivemos oportunidade de mostrar ao comentar os escritos de Sohn-Rethel indicados em nossa bibliografia<sup>5</sup>. O uso prático da moeda dotou de um novo potencial outro instrumento que então já era antigo, o juro: em grego foi denominado “tókos” (que significa parto, bebê, posteridade, fruto), mas era conhecido na Mesopotâmia desde tempos anteriores a Hammurabi;

2) os aperfeiçoamentos da escrita, que os Gregos herdaram dos Fenícios, adaptaram e desenvolveram, mas sobre tudo enriqueceram de ampla literatura e difundiram. As letras gregas apresentaram-se primeiro em forma de poesia, só mais tarde em prosa<sup>6</sup>. Esse dado constitui sem dúvida um testemunho da excepcional maestria dos Gregos no exercício da escrita. Desde seus primeiros tempos. Desde antes da idade axial.

Essas duas invenções ligam os homens entre si: a moeda articula as trocas materiais dando ensejo à distinção e até separação da economia; a escrita serve ao intercâmbio de conhecimentos. Entre elas havia nexos: a mesma inteligência, nas mesmas experiências históricas, potencializou o talento e a inventividade dos Gregos nos dois campos: nas trocas materiais (moeda) e nas trocas de conhecimento (escrita). Havia traços comuns. Por exemplo, no uso da moeda o homem aplica concretamente o processo de abstração às relações de troca de objetos, transformados em mercadorias. Abstração análoga – embora naturalmente não igual – era mais do que necessária para completar a obra dos Fenícios na elaboração da escrita alfabética: quem a completou foram os Gregos, que nessa técnica se tornaram mestres.

Esses dois meios de comunicação eram então novos e traziam consigo uma potencialidade própria, uma *dýnamis* característica: alcançar a posse de outros bens,

---

<sup>4</sup> É nas duas observações que seguem – e sobre tudo em sua articulação recíproca – que deixamos Jaspers um tanto de lado, para seguir mais Sohn-Rethel e Thomson.

<sup>5</sup> Ver GALVAN (2001) bem como (e sobretudo) SOHN-RETHEL, citados na Bibliografia abaixo.

<sup>6</sup> Esse dado curioso é testemunhado, por exemplo, em Strabo, *Geographica*, Livro I, cap.2 e foi comentado inclusive por Vico. Uma versão alemã do texto de Strabo encontra-se em <http://www.manfredhiebl.de/strabo.htm>.

no caso da moeda; revelar e comunicar os conhecimentos do espírito, nas letras. O próprio conceito de *dýnamis* – de onde vem nossa “dinâmica” – é grego, provem de sua língua, de sua literatura, de sua filosofia. A dupla realidade da moeda e das letras foi inclusive instrumento para a realização da profunda conquista de Roma, reconhecida pelo poeta Horácio:

A Grécia conquistada conquistou o feroz vencedor e introduziu as artes no Lácio agreste.<sup>7</sup>

O colonizado colonizou o colonizador.

Tanto assim que séculos depois o Império Romano, decaído e superado, deixou uma herança profunda e determinante para todas as civilizações posteriores: a cultura, a arte, a filosofia e as ciências gregas se conservaram e difundiram através de sua fase imperial, romana. Mais tarde, séculos vieram em que esses tesouros ficaram dispersos nas ruínas do Império Romano e no profundo declínio da economia monetária. Mas já na Idade Média foram amplamente recuperados, repensados, reconquistados, sobre tudo devido aos pesquisadores árabes.

Vale a pena notar, nesse contexto, que os Gregos foram autênticos revolucionários inclusive na tecnologia (termo grego: *téchne* + *lógos*). Essa observação contradiz uma tese tradicional bastante difundida: eles não teriam sido grandes inovadores em tecnologia, com exceção da medicina. Mas os dados aqui mencionados discordam dessa tese, inclusive com a constatação dos rumos que conheceu então o desenvolvimento da matemática. Foram os Gregos que a transformaram no instrumento mais sofisticado para “medir o mundo” (geo-metria, palavra grega). Conseguiram isso ao elevar e sistematizar o grau de abstração do próprio instrumento matemático. Foi por ser tão abstrato, que ele serviu a muitos fins concretos diferentes, inclusive nas mãos dos engenheiros, arquitetos, mestres de obras. E os Gregos não podiam deixar de ter consciência disso, pois o usaram.

Dois grandes inovações gregas – moeda e letras – surgiram, portanto, profundamente articuladas entre si na sociedade e realizaram um dos maiores feitos de

---

<sup>7</sup> Prefiro essa tradução, um tanto dura, porque sublinha o paradoxo ínsito na frase do poeta. Zeferino Rocha traduz de forma mais elegante: “a Grécia vencida apoderou-se do vencedor selvagem e trouxe as artes para o agreste Lácio” (“O desejo na Grécia helenística”, *Rev. Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, III, 2. p.99). O original (Horatius, *Epistulae*, II, 1, versos 156s.) reza: Graecia capta ferum victorem coepit et artes Intulit agresti Latio.

penetração comunicativa da história, antes de nossas contemporâneas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Negar que moeda e escrita sejam desenvolvimentos tecnológicos seria fechar os olhos à realidade.

Mas todo desenvolvimento tem limites. Nessa profunda revolução das relações entre pessoas que ocorreu na *pólis* deles, os gregos não completaram a superação de duas barreiras, uma no uso prático da moeda, outra nos aspectos filosóficos pertinentes ao próprio entendimento da pessoa.

Nas trocas mercantis, a moeda surgiu como meio e como tal se afirmou: conexão entre as várias mercadorias, constituindo aquele conjunto distinto de relações humanas que hoje denominamos de “economia”, palavra grega que para eles indicava (à letra) a “lei da casa” ou “a lei do lar”. Mas a moeda passou a se constituir, ela mesma, em finalidade quando potencializou aquele outro instrumento que tinha sido inventado milênios antes, o juro. Foi esse duplo instrumento – moeda e juro, melhor: moeda aplicada ao juro – que tornou a arte dos banqueiros muito importante já na Atenas clássica. Mas isso teve seus efeitos colaterais: a arte de ganhar dinheiro passou a se impor como uma finalidade em si, a ser visada pela atividade humana. De meio, a moeda se tornou fim.

Aristóteles criticou essa inversão: para ele a moeda é, por natureza, meio, unicamente meio para as trocas mercantis. Ele escrevia na época em que a prática do juro se generalizava: com isso, o dinamismo “dinheiro que dá mais dinheiro” convertia esse instrumento em finalidade da atividade humana. De fato, se o filósofo criticou essa inversão é porque ela já era praticada. Mais: na prática do juro, além da moeda se tornar fim a ser alcançado, sua medida tende ao infinito: alcançado um ganho, passa-se a visar outro superior, sem limite, indefinidamente.

Aristóteles censurou esse uso com base nos princípios da ética vigente: moderação (o meio termo, que exclui das finalidades humanas a busca do infinito) e a sujeição dos meios aos fins (não dos fins aos meios). Em outras palavras, com base na prática da moeda, o gênio grego forneceu ao juro seu instrumento máximo. Com base em sua filosofia, Aristóteles formulou a condenação. Naturalmente, como era de se esperar, em vão. No mundo grego, o impasse surgiu e permaneceu.

Um segundo limite da revolução grega nas relações humanas afetou o íntimo do próprio desenvolvimento de seu pensamento, expressado em literatura e em filosofia, meios poderosos de reflexão e comunicação, que os Gregos desenvolveram como nunca dantes. Incluem-se nos avanços nesse campo os excelentes exemplos da

dialética e da maiêutica de Sócrates, pelas quais as comunicações entre pessoas muito se enriqueceram e aprofundaram seu alcance valorizando dinamicamente (sempre a *dýnamis!*) os aportes dos vários interlocutores no diálogo. Essa novidade se realizou tanto, que foi julgada perigosa e levou até à condenação de seu próprio autor, Sócrates<sup>8</sup>.

No entanto, dialética e maiêutica não lograram ainda naquela época explicitar e explicar o conceito de *pessoa*, apesar de todo o longo caminho que os Gregos percorreram nessa direção (sobre o assunto pode-se ler o livro de Snell). As pessoas (como cidadãs da *pólis*) são os protagonistas do processo, mas, escreve Ferrater Mora,<sup>9</sup>

Tem-se discutido se os gregos tiveram ou não uma idéia de pessoa enquanto “personalidade humana”. A posição que se adota a respeito costuma ser negativa, mas embora seja certo que os gregos – especialmente os gregos “clássicos” – não elaboraram a noção de pessoa no mesmo sentido que os autores cristãos, pode-se presumir que alguns tiveram uma espécie de intuição do fato do homem como personalidade que transcende seu “ser parte do cosmo” ou “membro da cidade-Estado”. Tal poderia, por exemplo, ser o caso de Sócrates.

No processo grego de elaboração de conceitos, antes da pessoa, definiu-se a personagem representada pelo ator no teatro. O caminho dessa descoberta percorreu o seguinte itinerário: da personagem à pessoa, não no sentido contrário que talvez possa parecer hoje mais natural, da pessoa à personagem. Nesse sentido, de certa forma o teatro avançou mais que a filosofia sob este aspecto. Isso teve suas conseqüências inclusive no vocabulário.

O termo grego para “pessoa” é *prósopon*. É termo do teatro, onde as personagens eram identificadas pelas máscaras. *Prósopon* era a própria máscara, que tinha a função de identificar a personagem onde um mesmo ator representava várias personagens. Foi por isso que, em fase mais adiantada, os escritores, sobretudo cristãos, preferiram usar a palavra “*hypóstasis*” (um paralelo do latim “*substantia*”) em vez do tradicional “*prósopon*”. Contudo, também *hypóstasis* no fundo poderia ser interpretada – pelo menos etimologicamente – como o que “estava sob” (“*hypó*”) a máscara: no teatro, indicaria então não o ator, mas a personagem representada,

---

<sup>8</sup> Dialética e maiêutica de padrão socrático encontram-se nos diálogos de seu discípulo Platão. Mas o exemplo talvez mais esclarecedor seja o diálogo *De Magistro* de santo Agostinho.

<sup>9</sup> 2001, tomo III, p.2262, verbete ‘Pessoa’.

simbolizada e identificada na e pela máscara. A julgar pelos escritos de Boécio (séculos V e VI d.C.), os autores da época talvez não dessem maior importância a essa etimologia, mas de qualquer modo ela não deixa de ser sugestiva.

O latim de Roma, discípulo fiel do grego, incorporou a distinção. Pessoa é *per-sona*, aquilo através de que a voz soa (*personat*), do verbo *personare* (soar através de): a voz do ator soa ou ressoa através da máscara<sup>10</sup>. Mas o latim apóia-se também noutro étimo: no etrusco “phersu”, que significa máscara. Aliás, deve ter a mesma origem de *persona*.

O rumo que tomou o mundo grego ao se desenvolver pode-se identificar como passagem da magia dos deuses para o homem<sup>11</sup>. Daí a denominação de “idade da autoconsciência humana” que damos à “Idade Axial” ou “Tempo-Eixo” de Jaspers. Mas essa foi só uma etapa – a maior até hoje – de um itinerário que ainda devia prosseguir. Sem nunca chegar ao fim, como é natural acontecer com desenvolvimentos históricos.

Antes de passar ao estudo do “futuro” que tiveram essas mudanças no comportamento e na consciência dos homens, cabe fazer um reparo importante inclusive para todos os séculos a seguir e para o nosso. No “tempo-eixo”, quantos eram aqueles que participavam desse aprofundamento da consciência, da autoconsciência?

Realmente esse é um dos muitos aspectos em que percebemos que aquela não era uma sociedade de iguais. Talvez essa seja inclusive uma das causas da incompletude nesse desenvolvimento da autoconsciência humana: para o mundo grego e romano, os homens eram, *evidentemente*, desiguais. Esse era para eles um simples dado de fato aceito, que valia de um ponto de vista prático e tinha profundas implicações filosóficas. Baste mencionar as justificativas “éticas” da escravidão, relação social então difusa sob formas bastante diferenciadas<sup>12</sup>. Tais justificativas aduziam um motivo “realista”: os homens *são* diferentes. Era uma filosofia pé no chão com base em muita prática. Escravocrata.

Nessa limitação está também contida outra característica explícita dessa época: os avanços civilizatórios foram gigantescos, mas a participação da população

---

<sup>10</sup> Para o *Oxford Dictionary*, seria questionável atribuir ao verbo *personare* a origem do inglês “person”. Reconhece, contudo, que essa etimologia é geralmente aduzida. Já Boécio debatia esse assunto e mantinha a validade da derivação de *personare* para o latim *persona*.

<sup>11</sup> O próprio conteúdo do livro de SNELL sugere uma possível mudança em seu título. Em vez de *Descoberta do espírito* não poderia titular-se *Descoberta do homem*?

<sup>12</sup> Cf., por exemplo, Vidal Naquet, in: VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre (1989).

(inclusive da população “livre”) muito limitada. O que valia também, aliás, para o uso da moeda. Os direitos não pertenciam a “todos”, e sim somente a todo o “povo”, do qual eram excluídos – naturalmente (!) – os escravos, os bárbaros e outras categorias sociais que não se integravam completamente na *polis*. Salvo adquirirem aquela integração, nem que seja com dinheiro.

Mas algum outro reparo adicional deve ser feito quanto aos avanços dessa época. Se os Gregos não alcançaram uma explicitação teórica da identificação do homem como pessoa, apresentaram, contudo, esse homem como tal. Isso ocorreu exatamente lá onde tivemos que buscar, acima, nossa etimologia: no teatro. Mais em geral, na literatura. Na descoberta do homem o teatro precedeu a filosofia.

## II. Tecnologias da Informação e Comunicação

“Damals die Fülle, heute die Leere”

(“Naquele tempo a plenitude, hoje o vazio”)

(JASPERS, 1983, p.179)

O itinerário percorrido até aqui – pode-se notar – esteve afastado de toda linearidade.

Resumindo, a história antiga apresenta uma busca do homem que não alcança ser identificado explicitamente como *pessoa*, tarefa essa que foi levada adiante nos debates do cristianismo durante toda a Idade Média. Neste texto, optamos por omitir um resumo da rica fase medieval, pois o que interessa é conferir determinadas características da dualidade comunicativa “moeda-letras” em seus dois momentos históricos, digamos assim, extremos: a etapa fundadora (civilização antiga, sobre tudo grega), por um lado; e a etapa atual, por outro. Procuramos extrair daí indicações sobre o desenrolar-se de ambas essas realidades: das relações monetárias, constituindo e separando a economia, e da comunicação dos homens entre si.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Trechos selecionados desse poema podem-se encontrar em:

<http://www.poesia-inter.net/ahlba002.htm>.

<sup>14</sup> O debate durou séculos. Ainda em 1656 Pascal escrevia uma brilhante caricatura dessas elucubrações em seus comentários ao “contrato Mohatra” (*Les Provinciales*. Paris, Flammarion, 1936, p.112ss. Há outras edições dessa obra: o texto mencionado está na “Huitième Lettre”).

<sup>15</sup> FERRATER MORA, tomo III, p.2263, no verbete “Pessoa”.

<sup>16</sup> Uma breve apresentação do que significa a transição medieval para os temas em pauta encontra-se em nosso escrito anterior (Galvan, 2006).



Passando, então, ao exame de nossos tempos modernos, dentre os avanços neste campo, baste apenas acenar às muitas teorias da personalidade e à psicanálise, que compõem quase um pano de fundo filosófico neste mundo, em que se difundem as modernas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Esses desenvolvimentos na teoria da pessoa ocorrem, porém, numa sociedade em que a nova penetração social da moeda enseja um individualismo mais radical estribado nas modificações profundas que ocorreram no relacionamento concreto dos homens em sua vida diária: todas as relações humanas – da produção à circulação dos bens que vão lhe servir de sustento – passam agora a se regular com base no uso da moeda e estão, portanto, sujeitas à abstração da troca mercantil que ela impõe. Toda riqueza, no capitalismo, é mercadoria, lembraria Marx no início de *O Capital*. E a moeda é, por equivalência e poder (*dynamei*, diriam os Gregos), todas as mercadorias.

Na Idade Moderna o itinerário da descoberta da pessoa humana vem a sofrer uma inflexão depois de ter alcançado uma relativa maturidade na filosofia medieval. Na passagem aos tempos modernos, a mencionada progressiva monetização da sociedade abriu as portas a esse novo individualismo de natureza um tanto estranha, um individualismo que esvazia de seu próprio conteúdo as relações de pessoa a pessoa, reduzindo-as a relações entre coisas. Exatamente como faz a moeda. Nesse processo, agora o que importa são as relações entre coisas – sobretudo os preços que as avaliam e as fazem circular – enquanto os indivíduos (difícil será nesse contexto continuar a denominá-los de “pessoas” no sentido pleno) quase desaparecem por trás do processo de relacionamento entre coisas materiais.<sup>17</sup>

Vaz cita a este propósito uma arguta observação de Paulo Menezes<sup>18</sup>: “no momento em que a prática social e política [...] fazem da pessoa humana e dos seus direitos um valor-fonte [...] a pós-modernidade empreende essa multiforme ‘desconstrução’ da idéia do homem.” Aquele homem que os Gregos tinham buscado e identificado. Até certo ponto.

Moral da história. Em nossos dias, que sob certos aspectos são também um “futuro” do mundo construído pelos Gregos, os limites da antiga conquista grega continuam a operar mesmo depois de “superados”. Até aqui percorremos –

---

<sup>17</sup> Ver, por exemplo, o tratamento que Pareto dá à teoria do consumidor. Cf. PARETO, Wilfredo. *Manuel d'économie politique*. Paris, 1909, p.170. Cit. in: SCHNEIDER, Erich. *Introdução à teoria econômica*. V.4. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1968, p.275.

<sup>18</sup> Ver “A cultura e suas razões”, *Síntese*, 56 (1992), citado in: VAZ, op.cit., p.222. Vaz lembra, por outro lado, nos desenvolvimentos da filosofia moderna a grande contribuição de Kant ao entendimento da pessoa como ser moral.

simplificando-o até excessivamente – o itinerário complexo colocado na Idade Axial com a intenção de descobrir se algo da problemática enfrentada esclarece o que se passa nos tempos atuais. Tempos em que o capitalismo oferece meios de comunicação nunca dantes suspeitados. Seriam estas últimas flores da tecnologia o motivo, ou um dos motivos, para classificar nossa época como “nova Idade Axial”, em comparação com a outra, a antiga?

Já no final da década de 40, Jaspers perguntava se as mudanças dos nossos tempos não constituiriam uma “Nova Idade Axial”. Inclinou-se pela resposta negativa. A questão era então provocada pela novidade definidora de nossa época, a Revolução Científico-Tecnológica, que faria do homem o “dono” da natureza. Quando ele escrevia, na comunicação corria ainda a “era do rádio”, mas já se encaminhavam televisão e computador, sem que se suspeitassem ainda todas as suas implicações ulteriores. Mas a novidade que provocava então a reflexão de Jaspers era sobre tudo a tecnologia atômica, o homem e o coração do átomo – e a que custos!

Hoje, quando os fenômenos que ele analisou amadureceram ulteriormente, o que se impõe já não é mais retomar ou reformular aquela questão (será a nossa uma nova “idade axial?”), mas uma mudança no próprio eixo do questionamento. Pois uma outra inquietação já se impõe: a hipótese de que é *necessário* que surja uma nova Idade Axial para responder aos desafios colocados nas transformações em curso. Uma “idade axial”, por sinal, de que nem temos o esboço. O que está a impor essa exigência são – entre muitas outras razões – as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Sem embargo a revolução tecnológica de nossa idade ainda não se “realizou”: está se realizando. Mas aqui é que surge nossa busca: perante os atuais desafios das relações humanas, é preciso superar os novos mitos para criar o novo homem. De hipótese explicativa, não comprovada, a “Nova Idade Axial” torna-se uma necessidade a ser buscada, uma imposição dos tempos, mas não sabemos se poderá ser atingida.

A primeira “Idade Axial” – a única conhecida até hoje – construiu, há dois milênios e meio, um caminho para que o homem passasse da magia dos deuses ao mundo do próprio homem. Adotando os termos de Vico, diríamos que se passou da era dos heróis (com seus mitos!) à era dos homens. Hoje, no entanto, esse Homem está perdendo-se no meio do caminho de suas próprias realizações. É esse o homem que precisa se recuperar ou se reconstruir, a partir dos novos mitos que ele mesmo

gerou, nos quais se incluem as TICs. Precisa reencontrar-se a partir daqueles resíduos de coisas que vieram a constituir-se em finalidade do próprio homem, ou seja, a partir da ciência e tecnologia – nelas salientando o atual mundo da comunicação.

Vejam os mais algum detalhe dessa situação.

Nos meios atuais de comunicação reaparecem com outra forma e sob outra roupagem os dois limites mencionados acima, quase restrições aos avanços alcançados na Idade Axial. Trata-se da moeda. E da pessoa. Nos dois casos, realizações e conceitos dos gregos penetraram na civilização ocidental moderna, aquela que se espalhou e ainda se espalha e vai conquistando espaços no planeta e tenta sistemicamente tornar-se a única opção da humanidade inteira. Mas ao serem adotados e aprofundados, esses dois dinamismos foram profundamente modificados, juntamente com as realidades neles expressas.

Para exemplificar, nos meios de comunicação de hoje tudo está presente tendencialmente, “virtualmente”. Na virtualidade a *dýnamis* dos Gregos, a “potência” adquire nova roupagem. O sentido da palavra foi alterado, embora mantenha certo nó central. Para os Gregos, *dýnamis* era poder passar ao ato. Por isso se traduz por potência ou potencialidade, sem pretender, contudo, expressar com exatidão o mesmo conceito que no grego. A *dýnamis* – termo grego – corresponde à nossa “virtualidade”. Mas nós, ao contrário dos Gregos, partimos de outro conceito: tradicionalmente costumava-se considerar “virtual” o que não é real<sup>19</sup>. Mas nos meios de comunicação, virtualidade já é presença atual, até imediata, embora de longe. Estar longe, mas estar presente é característica histórica desses meios: telégrafo, telefone, cinema, rádio, televisão, internet, todos exploram a “virtualidade” nesse sentido.

Torna-se presente quem e aquilo que está ausente. Tal “presença ausente” ou “ausência presente” possui um nexos lógico com a progressiva monetarização da sociedade. Também a moeda, por definição, é (= tende a ser) tudo aquilo que ela em si mesma não é. Ela é tudo por equivalência, mas sobre tudo por seu poder aquisitivo: eis a *dýnamis*! O movimento da moeda gerou esta nova civilização, formou esta sociedade onde nasceram as TICs, rede de conexões de sua própria estrutura material. Assim foi compaginada a nova sociedade: com a moeda e com as TICs. Ambas são contribuições dos meios de comunicação. Melhor: elas mesmas “são” a comunicação.

---

<sup>19</sup> Cf. a enciclopédia GARZANTI, *Scientifica tecnica*, p.1859, verbete “virtuale”. O OXFORD, porém, discorda.

Mas aqui está o *busilis*: o que é que se comunica? Mas sobre tudo: quem e com quem? No fundo, são conexões, enlaces (*links*, na língua imperial) de coisas com coisas, melhor, neste caso: de sinais com sinais. O lado humano deles é que esses sinais, nessas condições, se encontram “virtualmente” a serviço do homem. A pessoa conta hoje com todos os avanços não só da filosofia (aquela que no passado achou uma definição, depois perdida); mas também os avanços da psicologia, da psicanálise, de todos os saberes das ciências humanas. Nas redes de comunicação, porém, as pessoas só estão presentes “virtualmente”: ocorre com elas algo análogo àquilo que se passava com os heróis gregos feitos personagens de teatro. Ainda é preciso percorrer um longo caminho antes que sobressaiam as próprias pessoas, “virtualmente” protagonistas do processo.

Isso lembra Saramago: “é preciso andar muito para alcançar o que está perto”<sup>20</sup>.

Mas quando o homem aparece, é homem-máquina. Uma máquina-comunicação que se torna o novo mito na sociedade do espetáculo. Dir-se-ia que Debord tinha razão. Mas já muito antes dele, nas formulações de certas ciências ditas sociais, o homem ficou reduzido até mesmo a um ponto: sem dimensão, como na geometria que os Gregos ensinaram. Objeto dessas “ciências sociais” são as conexões entre esses pontos. Do nada com coisa nenhuma. Até mesmo aquela “coisa” à qual o homem foi reduzido já perdeu suas dimensões.

O esvaziamento do conceito de pessoa humana – oportunamente lamentado por Paulo Menezes – aparece inclusive às vezes em expressões carinhosas, como quando se fala em “ser humano”, um último resíduo da concepção da dignidade humana ínsita no conceito de pessoa. Só que aqui a “pessoa” quase que se esvai na nebulosa de um “ser” que perdeu sua essência humana<sup>21</sup> e serve para reduzir o homem a um adjetivo.

Daí nosso postulado formulado acima: tornou-se necessário gerar uma outra, nova “Idade Axial da Autoconsciência Humana”: superar os novos mitos, conquistar (construir?) o novo homem. Só temos por enquanto uma necessidade, pois nas TICs há unicamente “virtualidade”, a virtualidade em que se assemelham à dinâmica (*dýnamis*) da moeda.

---

<sup>20</sup> *Todos os nomes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.69.

<sup>21</sup> Boécio chamaria à atenção que é mais correto, no caso, falar na “substância” que na essência. Mas estamos longe de querer adotar terminologia medieval em nosso debate.

No fundo, o conceito de “idade axial” ou “tempo-eixo” pode ser definido de forma análoga às definições de Vico para as três fases do desenvolvimento das nações: “Os homens primeiramente sentem sem se aperceberem, a seguir apercebem-se com o espírito perturbado e comovido, e, finalmente, refletem com mente pura.”<sup>22</sup> Em outros contextos, ele define esse terceiro momento – o da reflexão “com mente pura” – como a “idade do homem”, a idade em que o homem desenvolve sua própria razão. Nós estaríamos hoje nos apercebendo “com o espírito perturbado e comovido” dos problemas (os mitos perturbadores) que ainda ficam pendentes depois da difusão das modernas TICs.

Tarefa necessária. Pois hoje a mencionada diferença entre os homens, como seres “desiguais” conforme vimos no caso dos antigos (em particular na Grécia), hoje ainda continua embora modificada e muito mais mascarada. É próprio dos tempos modernos operar como a moeda opera: apresenta desigualdades como se fossem igualdades. Isso ocorre quando adotamos posturas, inclusive jurídicas, que declaram os homens todos iguais, pelo menos perante a lei, “em linha de princípio”. Esse modesto resultado teórico foi uma conquista lenta através dos séculos que nos separam dos antigos. No entanto no mundo em que vivemos a disparidade entre os homens “ganhou” reforço inesperado: ela se confirma agora num sistema que se autodefine pela igualdade. Só que não entre homens, e sim entre mercadorias.

Esse resultado foi alcançado a partir da ulterior generalização do uso daquilo que os Gregos tinham introduzido bem no começo da Idade Axial: a moeda, hoje presente mais do que nunca nas relações humanas. Ela torna mais vital o princípio de Sancho Panza: “*Dos linajes solos hay en el mundo, como decía una agüela mía, que son el tener y el no tener*”.<sup>23</sup> Inclusive, acrescente-se hoje, entre “el tener” e “el no tener” meios de comunicação, cuja manipulação, aparentemente tão livre e difusa, está cada vez mais concentrada.<sup>24</sup>

Na história grega, no “tempo-eixo” ou “idade axial”, ocorreu uma profunda transformação-passagem do mito ao homem. Hoje, precisamos alcançar uma nova “idade do homem”.

---

<sup>22</sup> Vico, 1984, p. 46 (é o “Elemento” n.53. No original italiano os “elementos” são denominados “*degnitá*”).

<sup>23</sup> *Quijote*, Segunda parte, cap. 20.

<sup>24</sup> Este é mais um aspecto das TICs que aqui deixamos de tratar, para debater temas mais conceituais. Mas veja-se a título de exemplo o livro de Mattelart.

### III. Presença ausente e motor imóvel

Antes de tentar extrair conclusões desse vôo sobre milênios, podemos notar uma correspondência, que à primeira vista parece curiosa, entre as contribuições da filosofia grega e a moderna filosofia da moeda, que foi conhecida, entre outros autores, pela obra de Simmel. Em sua *Philosophie des Geldes* ele aporta uma expressiva observação sobre o funcionamento da moeda<sup>25</sup>:

A mera representação da disponibilidade ou da falta de dinheiro em um determinado lugar opera estimulando ou paralisando, e as reservas de ouro nos depósitos dos bancos, que dão cobertura a suas notas, provam por escrita manual, como o dinheiro em sua representação puramente psicológica produz resultados completos; aqui ele deve realmente ser designado como o “motor imóvel”. (p.155)

Achado inesperado para a filosofia de Aristóteles. Ele bem podia já ter reparado nessa propriedade da moeda quando elaborou o conceito aqui utilizado de “motor imóvel”, que aplicou a níveis teóricos bem mais elevados. Sem entrar nessa que constitui uma das teses mais profundas e ao mesmo tempo debatidas dentre suas contribuições, é de se notar como ela ressuscita no século vinte, em que circunstâncias, em que contexto: agora ela se aplica na interpretação das implicações sociais do dinheiro, um dinheiro moeda, cunhado como os Gregos o praticavam. A característica assinalada é tanto mais real quanto mais profunda for a presença e ação do sistema financeiro.

O percurso apresentado acima revela assim uma coincidência impressionante: um conceito central da metafísica aristotélica, o “motor imóvel”, é reencontrado mais de dois mil anos depois na análise da moeda, no que ela tem de mais “fictício”, segundo a terminologia de Marx. As aspas no texto citado, aliás, indicam que Simmel estava bem consciente da fonte, de onde ele tirava essa inspiração filosófica. Note-se

---

<sup>25</sup> “Die reine Vorstellung des Vorhandenseins oder des Mangels von Geld an einer bestimmten Stelle wirkt anspannend oder lähmend, und die Goldreserven in den Kellern der Banken, die deren Noten decken, beweisen handgreiflich, wie das Geld in seiner rein psychologischen Vertretung volle Wirkungen zustande bringt; hier ist es wirklich als der »unbewegte **Beweger**« zu bezeichnen.” (p.155. Grifo meu, C.G.G.)

como as propriedades da moeda exploradas no texto citado se confirmam e se aprofundam com a moeda virtual de nossa época em tempos mais recentes, na era da “globalização” e do dinheiro eletrônico, o mais virtual de todos. Hoje, pode-se repetir a observação de Simmel sem sequer explicitar a referência a “determinado lugar”. O lugar já se escondeu nos parênteses da abstração.

Esse talvez seja um dos exemplos mais explícitos de como moeda e pensamento se articulam reciprocamente, sobre tudo em determinar qual o nível de abstração concretamente realizado.

Com base na exposição acima já se pode ver que os modernos grandes avanços – que de forma nenhuma deixam de ser tais! – nas ciências e tecnologias da comunicação trazem embutidos em sua própria definição problemas que atingem o próprio “ser homem”, a quem servem de maneira excelente e sofisticada. Esses problemas se encontram em seu bojo desde a época do surgimento de sua metodologia fundamental – o nível de abstração, consagrado desde o “Tempo Eixo”. Nisso estão bem acompanhados na financeirização da sociedade, em todas suas atividades, pela moeda e seus usos, antigos e novos.

É com vistas a isso, que cabe retomar a segunda parte da tese proposta no começo, sua parte mais trágica, lá onde Jaspers diz que “*o Ocidente está cavando a própria cova.*” Será que essa civilização, o capitalismo, está se acabando? Tal afirmação mereceria comprovação.

No contexto, (a guisa de prova ou de ilustração) o mesmo Autor aduz o seguinte: “a liberdade política se reduz constantemente. É, com freqüência, incompreendida. Assiste-se à desapareição do sentimento de liberdade e do espírito de sacrifício.”<sup>26</sup> A brevidade da exposição, e o fato de que propriamente ela não constitui uma completa demonstração da tese, devem-se ao contexto em que as afirmações se encontram: trata-se de um texto de divulgação, lido em programa de televisão. Portanto não podia desenvolver muito seu argumento.

A seguir, com base no que vimos, podemos acrescentar alguma anotação que talvez reforce essa tese (que bem preferiríamos poder negar!): de que o mundo ocidental – portanto nosso mundo atual – estaria preparando sua própria cova. Único consolo é que não diz que um dia a cova vai estar pronta, nem indica quando vai ser usada.

---

<sup>26</sup> Jaspers, 2003, p.146.

Para começar, pode-se notar o seguinte: Jaspers sublinha a falta de liberdade como nó do problema. Por outro lado, aquela articulação moeda-conhecimento que exploramos acima – herança das contribuições de Sohn-Rethel – indica alguma coisa que está na própria raiz desse processo de estorvo da liberdade. Demorou milênios para alcançar os desenvolvimentos atuais, mas teve seu nascedouro nas fundações que a sociedade ocidental moderna hauriu da civilização greco-romana.

Estamos hoje perante pelo menos duas características “paralelas”<sup>27</sup> de processos simultâneos: o desenvolvimento da moeda e de seus usos (inclusive novos) e o padrão do avanço científico e tecnológico, sublinhando neste último caso os meios de comunicação. É um processo que vem desde os Gregos, mas com a financeirização da sociedade e com as novas TICs assume proporções e profundidade nunca dantes alcançadas. Isso tudo, aliado ao aprofundamento prático da “filosofia” da “*agüela*” de Sancho Panza.

Isso pode conduzir alternativamente em duas direções: ou a “cova” que está sendo preparada estará pronta daqui a algum tempo; ou algo acontecerá antes, algo que imprimirá mudança significativa a esse rumo da humanidade.

No primeiro caso, cabe notar como os tempos históricos não se definem senão... depois de acontecidos. Em circunstâncias distintas, Althusser cunhou uma frase que bem poderia caracterizar essa situação: *O futuro dura muito tempo*, diz ele no título do livro em que lembra o assassinato de sua mulher. O assassinato-suicídio da civilização ocidental entrevisto no texto de Jaspers pode demorar muito tempo. Nesse caso o problema ulterior será descortinar que outro tipo de sociedade deverá substituir aquela que herdamos.

Mas a segunda alternativa não está excluída, pois o que menos falta na história são as surpresas. Nossa sociedade, o capitalismo, é uma das articulações humanas mais ágeis que surgiram: pode ainda encontrar caminhos nunca dantes trilhados e, nessas sendas, outro padrão de relacionamento entre as pessoas humanas poderá e deverá prevalecer. Única condição: que se pratique a filosofia do sobrinho do conde de Lampedusa: “tudo deve mudar para que tudo fique igual”.

O futuro que se pode descortinar é, portanto, duplo: ou uma superação do capitalismo dando lugar a uma nova formação social; ou sua continuação englobando

---

<sup>27</sup> “Paralelas” entre aspas, pois as paralelas da geometria, como bem ensinaram os Gregos, são retas que nunca se encontram, enquanto as características comentadas desenvolvem-se por linhas tortas e...se encontram frequentemente. Com as paralelas têm, contudo, uma grande similaridade: a mesma direção.



profundas modificações. Nos dois casos, os tempos e as datas não estão ainda determinados.

Mas em qualquer uma das duas possíveis saídas, uma coisa está certa: o relacionamento humano – nos negócios pela moeda, nas comunicações aproveitando as enormes potencialidades das TICs – necessita sofrer uma mudança fundamental: o homem precisa ser redescoberto, nem que seja a partir de seus escombros embutidos no niilismo da sociedade atual. Essa redescoberta deverá constituir a “nova idade axial” ou “novo tempo-eixo” postulado pelo processo que nos levou até a presente situação, com suas enormes conquistas e seus graves problemas.

### **Bibliografia**

- ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de filosofia*. Trad. Alfredo N. Galletti. 2.ed. 7. reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- ARISTÓTELES. *Obras*. Trad., estudio preliminar, preámbulos Francisco de P. Samaranch. 2.ed. Madrid, Aguilar, 1977.
- BOÉCIO, *Contra Eutychen and Nestorium*. Texto em latim reproduzido In: [http://la.wikisource.org/wiki/Contra\\_Eutychen](http://la.wikisource.org/wiki/Contra_Eutychen).
- DAVIS, Glenn. *A history of money: From ancient times to the present day*. Co-operation with Julian Hodge Bank Limited. Third edition with revisions. Cardiff, University of Wales, 20023.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*, seguido do prefácio à 4a. edição italiana *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Trad. brasileira. São Paulo, Loyola, 2001. 4 tomos. Sobre tudo o verbete “Pessoa”, v.3, p.2262-2266.
- GALVAN, Cesare Giuseppe. *Moeda e ciência: Ensaio sobre a teoria de Sohn-Rethel*. Recife, Centro Josué de Castro; João Pessoa, Curso de Mestrado em Economia da UFPB, 2001.
- GALVAN, Cesare Giuseppe. *Na “idade do conhecimento”: comunicação entre coisas ou entre pessoas?* Recife, Centro Josué de Castro, 2006 (manuscrito).
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Trad. Marcos Marcionilo, da 10ª ed. corrigida (de 1997). São Paulo, Parábola, 2003. (1ª ed. 1955)

- JAEGER, Werner. *Paideia: los odeales de la cultura griega*. 2ª. ed. en español. México, Fondo de Cultura Económica, 1962. Dessa obra (título original: *Paideia, die Formung des griechischen Menschen*) existem edições em português, inclusive recentes.
- JASPERS, Karl (1965). *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. L. Hegenberg e O. Silveira da Mota. São Paulo, Cultrix, 2003.
- JASPERS, Karl. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. Neuausgabe. München/Zürich, Piper, 1983.
- MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola, 2005.
- MÜLLER, Rudolf Wolfgang. *Geld und Geist. Zur Entstehungsgeschichte von Identitätsbewußtsein und Rationalität seit der Antike*. Frankfurt/M, Campus, 1977.
- POLANYI, Karl (1944). *The great transformation. Politische und ökonomische Ursprünge von Gesellschaften und Wirtschaftssystemen*. Üb. Heinrich Jelinek. II. Ausg. Wien, Europa Verlag, 1971.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie des Geldes*. I ed. Berlin, Duncker & Humblot, 1900. 585p. Texto reproduzido in: <http://socio.ch/sim/>
- SNELL, Bruno (1975). *A descoberta do espírito: As origens do pensamento europeu na Grécia*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 2003. Orig.: *Die Entdeckung des Geistes*.
- SOHN-RETHEL, Alfred. *Geistige und körperliche Arbeit. Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte*. Revidierte und ergänzte Neuauflage. Weinheim, VHC, Acta Humaniora, 1989.
- THOMSON, George. *The first philosophers*. London, Lawrence & Wishart, 1955. (Studies in Ancient Greek Society, Vol.II)
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica II*. São Paulo, Loyola, 1992 (Coleção Filosofia, 22)
- VERNANT, Jean Pierre. *Mythe et pensée chez les Grecs. Études de psychologie historique*. Nouv. Éd. Paris, Maspéro, 1980-1981. 2v. (1.ed.: 1965)
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Trad. M. Appenzeller. Campinas, Papyrus, 1989.

- VICO, Giambattista (1744). *La scienza nuova*. 3ª ed. Intr. e note Paolo Rossi. Milano, Rizzoli, 1977. Tradução brasileira: *Princípios de (uma) ciência nova*. Trad. A. Lázaro de Almeida Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- WEBER, Alfred. *Historia de la cultura* (1935). 1ª ed. en español, 12. reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1985. Orig.: *Kulturgeschichte als Kulturosoziologie*.